

## **Apresentação**

Há 40 anos, a quebra do monopólio estatal sobre as telecomunicações nos Estados Unidos, com o desmembramento da empresa AT&T, e a privatização da British Telecom, no Reino Unido, deflagraram uma mudança profunda nas telecomunicações e nas comunicações em geral. A partir de então, com vistas à ampliação da colonização da vida pelo capital e por pressão dos países do centro capitalista, houve a privatização dos sistemas de telecomunicações em diversos países. A América Latina, sob o jugo de governos neoliberais, tornou-se território para a atuação transnacional de operadoras europeias e mexicanas. México e Chile iniciaram o processo de abertura, que foi concretizado no Brasil, por sua vez, na segunda metade dos anos 1990. Com isso, recursos estratégicos fundamentais ao desenvolvimento das novas redes e tecnologias que dariam suporte à Internet passaram às mãos da iniciativa privada. Viabilizou-se, assim, ampla concentração de capital, com seus mais diversos efeitos.

Hoje, a compreensão desses processos de forma integrada é mais difundida, mas por muitos anos pairou sobre a privatização a ideia de eficácia e concorrência e, quanto à Internet, uma profunda descontextualização, como se seu desenvolvimento fosse efetivado a despeito das transformações do próprio capitalismo.

Não é forçoso apontar que o campo da Economia Política da Comunicação e das políticas de comunicação mantiveram, a todo momento, uma postura mais ponderada, distante das leituras deterministas. Os trabalhos de Schiller (1999), Ramos (2000) e Bolaño (2002) são exemplos disso. Parte desse campo, a Revista Eptic cumpriu o papel de acompanhar criticamente todo aquele movimento histórico, fomentando dossiês temáticos e acolhendo trabalhos fundamentais à compreensão deste tempo.

O número que lançamos agora consiste no último do ano de 2023, quando a revista completou 25 anos de existência. Ele apresenta um Dossiê Temático que resgata o debate sobre a mudança nas telecomunicações e suas consequências, o qual também expressa a colaboração entre pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do México, países que, por diferentes caminhos e sempre em diálogo, têm dado à Economia Política e ao campo da Comunicação, em geral, contribuições importantes.

Conjugamos, assim, tempos diversos. Há continuidade em relação à trajetória da revista e das perspectivas desenvolvidas em torno dela, mas também abertura para a atualização dos estudos. Nesse sentido, o dossiê aborda a mudança nas telecomunicações em uma perspectiva histórica, evidenciando tanto como foram vistas na virada para os anos 2000, a partir da republicação de um texto coletivo sobre o tema, quanto os desdobramentos delas. Avança, ainda, na discussão de outras batalhas também atuais em torno da comunicação, especialmente em torno da constituição de sistemas públicos e de sua relação com os governos.

A sessão Artigos e Ensaios é aberta com um texto que também desenvolve perspectiva histórica acerca das mudanças da publicidade. No artigo, intitulado "A nova embalagem de um sistema transnacional: a internacionalização da publicidade brasileira nos últimos quarenta anos", Glícia Pontes parte da revisão do clássico de Maria Arminda do Nascimento Arruda e aponta problemáticas contemporâneas para este que é um elemento central do sistema de comunicação em sua forma capitalista.

Mostrando também a abrangência dos temas afetos à EPC, há o texto de Samaria Andrade, que questiona: "Quem tem medo das emoções?". Em um tempo em que nossos sentimentos são manipulados a partir de tecnologias refinadas e em que a cultura, em geral, é objeto de ampla disputa, tal pergunta se mostra urgente. Acreditamos também que a libertação da subjetividade é parte da transformação criativa da política e da vida.

Tais questões apontam a importância da EPC e, como parte desta, da nossa revista. Não obstante, é fato que ainda nadamos contra a corrente, tanto em relação ao pensamento hegemônico no campo em que estamos inseridos quanto às normas que costumam o pensar contemporâneo a uma dinâmica produtivista. As dificuldades financeiras para a manutenção da revista, apoiada hoje exclusivamente pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Sergipe (Propec-UFS), expressam a desvalorização da produção editorial, o que seguidas vezes tem sido destacada por editores de todo o Brasil. Contraditoriamente, é a publicação de artigos, parte final daquele processo editorial, o que mais é valorizado nas avaliações pessoais e coletivas, nos termos atuais. O tempo do processo editorial, especialmente das avaliações, também tem se tornado mais alargado - ou, melhor, premido pelo excesso de tarefas ao qual todos e todas nós estamos submetidos. Tais circunstâncias levaram ao atraso desta edição e às mudanças gráficas que passamos a adotar a partir dela.

Essas dificuldades mostram, por outro lado, a necessidade do pensamento crítico e de enfrentarmos, juntos, uma lógica que ameaça fazer com que a produção científica perca seu sentido e lastro social. Como há 25 anos, seguimos animados e com vontade de contribuir com o desvelamento das engrenagens sistêmicas e dos caminhos possíveis de sua superação. O ano de 2024 será dedicado à reflexão sobre tal dialética. Em breve, lançaremos dossiês sobre movimentos sociais e comunicação e sobre os (des)caminhos da chamada inteligência artificial. Seguiremos ainda recebendo textos para a seção Artigos e Ensaios, que comporta as mais diversas pesquisas relacionadas à EPC.

Nosso desejo é que a Revista Eptic siga animando diálogos, estudos e intervenções.

Boa leitura.

**César Bolaño e Helena Martins, pela equipe editorial.**